

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Cultura e memória: O festejo de Nossa Senhora do Rosário em
Silvianópolis–MG**

Andréa Silva Domingues*

Resumo: A pesquisa tem como objetivo estudar os costumes, a performance, as artes de viver e fazer, constituídos no cotidiano do espaço urbano e rural; a partir dos valores, trajetórias de vida e lutas sociais dos agentes históricos que participam da festa; entendendo cultura como parte integrante de um campo de mudanças e disputas sociais e políticas; cercado de interesses e reivindicações. O estudo desenvolve -se através da História Oral refletindo sobre as maneiras de viver dos participantes da Festa, na tentativa de entender essas experiências, valores, cotidianos e costumes que auxiliarão na reflexão da maneira de pensar o coletivo. Buscando a todo o momento perceber essas experiências e processos relacionados ao festejo, observando que a história, por mais distante que seja, tem por objetivo provocar reflexões sobre o mundo atual.

Palavras chave: Cultura – Memória - Festa

Abstract: The research has as objective to study the customs, the performance, the arts of living and making, constituted in the daily one of the urban and agricultural space; from the values, trajectories of life and social fights of the historical agents who participate of the feast; I understand culture as integrant part of a field of changes and social disputes and politics; surrounded of interests and claims. The study it is developed through Verbal History reflecting on the ways to live of the participants of the feast, in the attempt to understand these experiences, values, daily and customs that will assist in the reflection in the way to think the collective one. Searching all the moment to perceive these experiences and processes related to feast, observing that history, for more distant than either, has for objective to provoke reflections on the current world.

Keywords: Culture – Memory - Feast

A pesquisa Cultura e Memória: o festejo de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Silvianópolis-MG, trata de práticas culturais que vêm re-significando anualmente entre os dias 13 e o último final de semana do mês de junho, com a participação de vários homens, mulheres e crianças da cidade e da região seja, como organizadores, congadeiros ou desfrutando do cortejo, das barracas, das refeições distribuídas ou das orações em homenagem a Nossa Senhora do Rosário.

Nesse contexto, trabalho com a cultura como modo de vida e principalmente como modo de luta de classes, sendo esta uma ação social, entendendo que lidar com a linguagem deve ser um mecanismo que nos leve a perceber de que maneira, através das práticas sociais e

* Professora do Departamento de História da Universidade do Vale do Sapucaí. Mestre e Doutorando em História Social pela PUC/SP, sob a orientação da professora Dra. Maria do Rosário da Cunha Peixoto. A apresentação deste trabalho teve a concessão de auxílio e apoio da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

tensões, os sujeitos estão dentro do festejo, que a tradição pode ser usada como recurso e não como prática, sendo uma escolha de estratégia para lidar com a tensão existente na festa.

É nessas práticas culturais que busco compreender os diversos modos de viver a festa e que se constituem no dia-a-dia da cidade. Para tanto, investigo a trajetória de vida por meio das experiências vividas, incluindo os conflitos em torno da preparação e da realização da festa.

Trata-se de analisar as memórias e os modos como vivem os trabalhadores que se envolvem e participam do festejo, porque a história, por mais distante que seja, tem por objetivo provocar reflexões sobre o mundo atual (PORTELLI, 1997:13-49). Esses trabalhadores trazem para a dinâmica do presente, tradições que são incorporadas na construção da festa, mas também atribuem outros significados a ela, quando, como sujeitos sociais incrementam outras maneiras de vê-la e vivê-la (WILLIAMS, 1979:112-113).

Escolhi, portanto, trabalhar com depoimentos dos diferentes segmentos que vivenciam o festejo de Nossa Senhora do Rosário, bem como, com cartazes de propaganda e atas da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário e com o livro tombo da paróquia da cidade; buscando compreender os diferentes significados que a festa tem para cada um, incluindo suas relações com a cidade e o trabalho, seus valores e relações sociais, principalmente a festa como uma prática de resistência no campo da cultura, como tradição na luta de classe.

O campo da cultura não é homogêneo, e sim atravessado por lutas, contradições e pelo conflito de classe, onde algumas coisas podem ser trazidas do passado, mas outras são incorporadas a elas, o que re-significa a tradição conforme as necessidades do presente. Portanto, a tradição é dinâmica, está sempre em transformação, porque tendemos a resignificá-la sempre. Aliás, falar de história é falar de transformações.

Existem vários estudos sobre a festa, mas em sua maioria de orientações folcloristas; reservados a um passado distante e imóvel, descritivos ou ligados à paixão pelo festejo ou pelo lugar. Registros do passado que não têm a preocupação em abordar as experiências sociais vividas pelos sujeitos históricos.

Importante ressaltar que entendo folclore como um conceito diferente do conceito de “cultura popular”, por que expressa um entendimento diferente dos jeitos de viver e principalmente de manter certas tradições como a festa de Nossa Senhora do Rosário.

O que nos diferencia de muitos folcloristas é principalmente o tratamento dado aos homens e mulheres envolvidos, considerando-os capazes de preservar, de modificar a festa

conforme sua inserção no presente, contrário à idéia de não pensá-los como produtores de cultura.

Nestor García Canclini observa que os folcloristas se atém ao popular como resíduo elogiado, depósito de criatividade, se prendendo a uma prática descritiva, onde o “povo” é resgatado, mas não conhecido tornando-se cegos as mudanças (CANCLINI, 2000:209-210).

Compreendendo as recordações dos depoentes como um olhar múltiplo, que rememora diferentes tempos vividos, experimentados individual e socialmente, foi possível perceber nas narrativas orais o ir e vir da memória, possibilitando a reflexão sobre a diversidade das experiências vividas por cada um em tempos iguais ou diferentes, seus pontos de semelhança e suas diferenças, e também pontos de convergências e tensões.

As memórias são, portanto, experiências historicamente construídas, constantemente modificadas e a experiência uma criação constante da memória, que faz do passado uma dimensão importante na constituição do presente. Pensarmos a relação entre a memória, experiência e diversidade cultural é fundamental para discutirmos as múltiplas práticas culturais que envolvem a festa de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Silvanópolis em Minas Gerais, no período dos anos setenta ao tempo presente.

A narrativa constitui um instrumento de formulação e de construção de memória social, de produção de consciências e de formulação de referências identitárias. Tecendo uma trama que articula passado e presente, os depoentes vão analisando, (re)criando, e atribuindo diferentes sentidos à realidade vivida, nesse exercício de observar e ser ouvinte.

Assim, pensar a festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvanópolis, em Minas Gerais, é também pensá-la como “uma ruptura da vida diária, um intervalo na ordem estabelecida, vista por vários estudiosos como momento de renovação das forças desgastadas pela rotina de trabalho e respeito às regras” (SOUZA, 2002: p.59), e que a organização desta é contínua e pensada como realidade que faz parte das representações que estão ligadas ao cotidiano.

Desta maneira, para entender os significados do festejo, foi necessário navegar na memória individual e social; buscando as múltiplas linguagens, por meio das quais os diferentes participantes da festa se expressam, sejam pelo cortejo formado pelos reis, rainhas, guardas-coras e juízas que se expressam além da vestimenta, pela postura de fé ou majestática reforçando a idéia de hierarquia e devoção. Na linguagem corporal, quando alguns participantes assumem expressão facial de contrito, como, por exemplo, a posição

das mãos unidas, ou pelos congadeiros por meio da dança, do corpo, do tocar dos tambores, dos ritmos, da vestimenta e do gestual.

A Irmandade do Rosário: espaço de homens pretos e brancos

Pensando as Irmandades como identidade e cultura, cruzando documentações da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, de registros do livro de tomo da paróquia da cidade de Silvanópolis e de depoimentos orais, é possível refletir sobre os espaços de sociabilidade devota, permitidos ou reprimidos pela igreja católica e como é constituído a Irmandade hoje Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário neste município.

A pesquisadora Marina de Melo e Souza ao discutir as irmandades diz:

“As irmandades de “homens pretos”, espaços que permitiam um maior controle sobre os africanos escravizados e seus descendentes, cativos ou livres, ao mesmo tempo em que possibilitavam o desenvolvimento de relações específicas a estes grupos, que nelas encontravam formas de afirmação social e cultural, foram lugares nos quais as eleições de reis negros e as comemorações que as acompanhavam atingiram maior complexidade e significação.” (SOUZA, 2002:p. 251)

A autora aponta o caráter ambivalente das irmandades, se por um lado se constituíam como espaço de controle, por outro possibilitavam formas de afirmação social e cultural dos negros.

Importante ressaltar que em 1937 a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário passa a se chamar Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, conforme consta em seu primeiro livro de Ata com abertura em 13 de junho, passando então os registros desta instituição a serem lavrados e organizados pela denominada Associação.

Os objetivos da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário são de “promover a caridade entre os menos favorecidos, o culto a Nossa Senhora do Rosário nos estilos tradicionais e a celebração da tradicional da festa do Rosário, zelando pela conservação dos mesmos costumes, estilos, tradições e cerimoniais que caracterizam a desde os primórdios¹.”

As reuniões da Associação acontecem anualmente, por ocasião do mês de junho, no dia 13 de junho (início da festa) para eleger os festeiros do próximo ano e, no último final de semana do mês de junho para encerrar o festejo e repassar a responsabilidade da festa aos novos eleitos. Há também reuniões extraordinárias que são convocadas pelo presidente; em cujas atas percebemos um detalhe importante da Associação no que diz respeito ao tratamento

¹ Ato constitutivo e estatuto da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, art.2º.

dado aos seus membros, sendo oferecido a estes ou familiar, como filhos e esposa um ritual fúnebre, onde todos os irmãos da Associação eram convidados para velar, rezar e enterrar o falecido. Oferecer aos membros um ritual fúnebre digno torna-se mesmo não oficialmente uma das atribuições da Associação.

Desde os anos setenta a Associação vem exercendo suas funções principalmente em torno da organização da festa de Nossa Senhora do Rosário que foi lembrada de diferentes formas pelos entrevistados.

Dona Carlina lembra que:

“ Porque naquele tempo, a nossa paróquia tinha sido criada pelo bispado de São Paulo. Porque Silvianópolis já pertenceu a Pouso Alegre, Pouso Alegre já pertenceu a Silvianópolis, uma coisa assim, essa coisinha entre cidade. Então nessa época, esse padre sendo paulista; ele foi designado pra vir para a nossa terra, pra nossa paróquia. E aí o padre Negrão deu início a esta festa, em 1780, com todo o ritual trazido de Guaratinguetá.”²

Dona Isabel afirma:

*“Veio para Silvianópolis um padre de Taubaté, Pindamonhangaba, e ele incentivou. A escravidão principalmente aqui era muito forte, pela extração do ouro. Ele para cristianizar, fazer uma catequese, misturou né... trouxe para cá a tradição da festa de reis, a congada, por ele ter sido padre na região de Pindamonhangaba lá ele já conhecia, certamente ele gostava dos grupos e vindo pra cá, vendo que a ascendência de raça negra era muito grande, ele organizou, ele simplesmente incentivou aquilo que já possuíam e levou em frente”
época da escravidão. Era maneira deles adorar alguma coisa né.”³*

Ao falar do festejo de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis, se torna recorrente na memória dos depoentes a referência à origem remota (século XVIII) ou cristã da festa, sempre realizada por iniciativa de um padre que tentava catequizar os negros.

A historiadora Marina de Mello e Souza (MELLO E SOUZA, 1987:86-156) já apontava que a preocupação da igreja católica em delinear o que é sagrado e o que é profano, e em estabelecer os parâmetros dentro dos quais deveria ocorrer a relação da igreja com os escravos negros e com a população em geral, remonta ao período colonial. Os registros no livro de tombo (1922) da paróquia de Silvianópolis denotavam tal preocupação. Considerando a festa como um momento de conflito entre os membros da Associação e representantes da igreja, o referido documento tentava demonstrar que a festa de Nossa Senhora do Rosário era um evento no qual os costumes eram considerados profanos, como o caso da prática das jogatinas, esbanjamento de dinheiro dos fiéis em comidas e bebidas⁴.

² Entrevista realizada com Carlina de Moraes Dutra, na cidade de Silvianópolis, no ano de 2005.

³ Entrevista realizada com Edvaldo Andrade Domingues, na cidade de Silvianópolis, no ano de 2005.

⁴ Registrado no livro de tombo da paróquia de Santa Ana, na cidade de Silvianópolis, datado em 18 de janeiro de 1922, p. 109.

É significativo perceber a insistência dos depoentes em afirmar que a festa de Nossa Senhora do Rosário iniciou-se com a intervenção da igreja católica na figura de um padre como estratégia ora de controle, ora de catequese dos escravos e negros.

Documentos de época nos permitem afirmar a existência de situações de conflitos entre os preceitos da igreja e as práticas, rituais dos negros na celebração da festa.

Esteve em visita à paróquia, de 17 a 29 de novembro de 1786, o padre Manoel Lescura Banher, vigário de Guaratinguetá e visitador ordinário do bispado de São Paulo. Notou esse visitador que o 1º livro tombo estava em péssimo estado e ordenou que fossem trasladados para outro livro novo o termo da devolução da paróquia ao bispado de São Paulo e <<hum capitulo de vizita a respeito do sempre abominável, péssimo e terrível uso dos batuques, cujo capitulo he mandado observar nessa freguesia ...>>> notou ainda que não havia confrarias, mas já existiam bens pertencentes a Nossa Senhora do Rosário (OLIVEIRA, 1950: 22).

Fica patente neste documento o desgosto que os batuques provocavam no clero. O conflito, a tensão social entre os membros da igreja e os participantes do festejo é reafirmada não apenas pelos bens de posse, mas também pelos costumes e diferentes práticas culturais de como realizar a comemoração.

As tensões entre as autoridades eclesiais e os membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário passavam pelas disputas sobre a realização da festa.

“Faça constar que no dia 06 de janeiro tive uma conferência com os Srs irmãos que compareceram a Directoria da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, ficando todos eles serem à vontade do Senhor Bispo e dos propósitos que tinha que mandar o precedente portaria. Exepetuamo dois irmãos que se manifestaram respeitosos e obedientes para as disposições da Autoridade Diocesana, todos os outros deram signaes de mau espirito e de estarem dispostos a não obedecer no mandato de expressão da Festa da irmandade de Nossa Senhora do Rosário no mês de junho. Chamei-os a considerar severamente o proceder deles, protestando esse facto, contra aquelle acto de rebeldia manifestada por aquelles que mais deviam salientar se na Parochia pelo fervor religioso e pela submissão e obediência a auctoridade Ecclesiastica. Fique lançado o meu protesto neste livro de tombo como um dado mais para aquelle que deseja conhecer a história documentada da Irmandade de Nossa Senhora do rosário em Silvianópolis.”⁵

A não aceitação das disposições por parte da maioria dos irmãos (exceto dois) era vistas pela Diretoria da Irmandade e pelos representantes da igreja como “maus espíritos”. O padre Daniel Chavani faz questão de lançar o seu protesto, por escrito no livro de tombo, para que ficasse registrado e se tornasse parte da história “documentada” da Irmandade, pois o registro no livro confere ao seu protesto uma força maior.

A década de vinte foi um dos períodos mais tensos em torno da questão religiosa vivenciada entre a igreja e os representantes da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, a disputa pelo controle da festa e de como e quando esta devia acontecer foi motivo de reuniões e discussões entre o poder eclesial e os membros da Irmandade. Essa relação conflituosa

⁵ Livro de tombo 1901-1955, localizado na paróquia de Silvianópolis-MG, p.98

leva a igreja proibir a realização da festa no mês de junho, já que 29 de junho é dia de comemoração dos santos apóstolos São Pedro e São Paulo. Mesmo a igreja divulgando sua posição⁶ nas missas e na Irmandade do Rosário, a festa não mudou seu período de realização e manteve seus costumes denominados de “profanos” como as barracas de jogos, alimentos e bebidas.

Com o tempo essas confrarias, irmandades ou Associações desprendem-se da igreja católica, tornado-se instituições laicas.

“É essa devoção com nossa senhora à gente precisa falar. É uma devoção! Eu falo assim que Santana, Silvanópolis tem duas protetoras: Santana porque foram trazidas pelos bandeirantes – Paulistas vieram de Moji das cruzeiras tanto é que lá Santana também é padroeira e eles trouxeram e fizeram Santana também padroeira patrona da cidade. Agora eu acredito que seja com esse padre que iniciou a festa do Rosário, iniciou a devoção a Nossa Senhora do Rosário porque ela a santa a mãe de Deus, ela seja protetora de negros eu acredito que foi uma assim uma isso o padre que quis. Porque os negros precisavam também de ver cantar, dançar né aí a igreja católica naquele tempo à separação era muito grande entre os escravos e o senhor. Então Nossa Senhora do Rosário tem uma ligação com coisas da África. Lá ela não é homenageada como aqui, lá não tem festa do rosário, na África. Mas nós aqui temos porque um padre achou que tinha que favorecer, proteger o negro.”

Dona Carlina, em suas memórias, fala que havia a separação dos negros e brancos, e que a religião católica exerceu sua influência sobre os homens negros utilizando-se do festejo; como uma forte estratégia de dominação.

Na narração de dona Carlina, quando diz *“Mas nós aqui temos porque um padre achou que tinha que favorecer, proteger o negro”* ela interpreta a ação da igreja como de proteção.

A Irmandade e a festa era também um espaço de negociação dos escravos com os brancos, para poderem exercer suas crenças de origem africana servindo dessa maneira como estratégia dos negros diante da dominação da igreja católica.

Através de suas lembranças, os depoentes remetem-se em diferentes momentos o que chama de tempo do cativo ligando-o sempre a Deus e a igreja católica. A tradição que se transmitiu pela oralidade ao longo destes duzentos anos, que estabelece a ligação do festejo com os tempos do cativo tem para os participantes negros um significado político muito forte de afirmação de sua identidade étnica. Vivenciar a festa anualmente significa estabelecer um elo entre o passado e o presente, uma tentativa de encontrar o passado no presente, uma forma de reafirmar uma identidade e reatualizá-la.

⁶ Registro de 18 de janeiro de 1922, p. 109 do livro tombo.

Referências bibliográficas:

- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1994.
- ELIÁDE, Mircea. **O sagrado e o profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- OLIVERIRA, Cônego João Eustides de (org). **A Diocese de Pouso Alegre no Ano Jubilar de 1950**. Pouso Alegre: Tip. Da Escola Profissional.
- PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente?*. In: **Revista Projeto História**, n. 14, São Paulo: EDUC, 1997.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- MELLO E SOUZA, Laura de. *Religiosidade popular na colônia*. In: **O diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Cia. das letras, 1987.
- SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil escravistas**. História da festa de coroação de rei congo. Belo Horizonte: Humanitas, 2002.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.